

**Boccaccio e a inclinação poética: *Genealogie deorum gentilium* 15.10**

Adir de Oliveira Fonseca Junior  
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)/prof. substituto  
adir.ofjr@gmail.com

**RESUMO:** Nos dois últimos livros de suas *Genealogie deorum gentilium* (*Genealogias dos deuses gentílicos*, ca. 1359-1374), após treze volumes enciclopédicos sobre os deuses e heróis da mitologia greco-romana, Giovanni Boccaccio expõe uma contundente defesa da poesia e dos poetas, apresentando inúmeros argumentos e exemplos para rebater seus críticos (dentre eles, teólogos, advogados e médicos). Particularmente no capítulo 10 do livro 15, Boccaccio explica que todos os seres humanos possuem disposições naturais, incluindo uma disposição poética; e que a consequente diversidade de estudos e ofícios deveria ser exaltada, e não reprovada. Então, Boccaccio faz um relato de sua trajetória pessoal, revelando a inocuidade de qualquer projeto de vida que não contemple o desejo de cada um. Neste material, apresentarei uma tradução inédita da *Genealogia* 15.10 do latim para o português brasileiro, acompanhada de uma breve introdução sobre a carreira literária boccacciana.

87

**Palavras-chave:** Giovanni Boccaccio; *Genealogie deorum gentilium*; poesia; vocação; autobiografia.

**Boccaccio and the poetic inclination: *Genealogie deorum gentilium* 15.10**

**ABSTRACT:** In the two final books of the *Genealogie deorum gentilium* (*Genealogies of the pagan gods*, ca. 1359-1374), following thirteen encyclopaedic volumes on the Greco-Roman gods and heroes, Giovanni Boccaccio writes a compelling defence of poetry and poets. There, he presents several arguments and examples to rebut his critics (amongst whom were theologians, lawyers and physicians). Particularly in Chapter 10 of Book 15, Boccaccio explains that all humans have different natural dispositions, including a poetic one; and the diversity of studies and professions should be celebrated, not repressed. Then, Boccaccio gives a personal account of his trajectory as a poet, revealing as futile any life project that does not meet one's own desire. In this paper, I present an original translation of *Genealogia* 15.10 from Latin into Brazilian Portuguese, accompanied by a brief introduction on Boccaccio's literary career.

**Keywords:** Giovanni Boccaccio; *Genealogie deorum gentilium*; poetry; vocation; autobiography.



## Introdução<sup>1</sup>

Em seu famoso autoepitáfio, escrito em 1374 e gravado em sua lápide na Igreja dos Santos Jacopo e Filippo, na cidade toscana de Certaldo, Giovanni Boccaccio (1313-1375) resumiu sua trajetória em quatro versos:

*Hac sub mole iacent cineres ac ossa Iohannis,  
mens sedet ante Deum meritis ornata laborum  
mortalis vite; genitor Boccaccius illi,  
patria Certaldum, studium fuit alma poesis. (Carmina 10)*

Sob esta pedra jazem as cinzas e os ossos de Giovanni; seu espírito, honrado pelos méritos dos trabalhos de sua vida mortal, repousa diante de Deus. Seu pai foi Boccaccio; sua cidade natal, Certaldo; sua devoção, a prolífica poesia.

É desta forma, portanto, que Boccaccio quis ser reconhecido pelos pósteros: como cristão, filho de um pai, cidadão e, sobretudo, poeta. Destaca-se o uso do substantivo *studium* no último verso, que traduzi como “devoção” – embora o termo “vocação” (que eu reservarei para *vocatio*, mais adiante) me pareça também adequado nesse contexto. Com efeito, Boccaccio não ignorava o poder das inclinações naturais sobre os humanos; pelo contrário, ele enfatizava a importância de seguirmos o curso de nossos desejos mais profundos ao escolhermos uma profissão, um ofício. Isso fica particularmente evidente no capítulo 10 do livro 15 de suas *Genealogie deorum gentilium* (*Genealogias dos deuses gentílicos*), cujo texto em latim me proponho a traduzir aqui, para o português do Brasil. Nele, Boccaccio emprega a palavra *studium* em pelo menos dois sentidos, que se complementam em latim (tanto clássico, quanto medieval): o primeiro é semelhante ao que encontramos em seu autoepitáfio (isto é, devoção, vocação, inclinação, desejo); o segundo é mais prático, concreto, relacionado a estudo, atividade intelectual.<sup>2</sup> Também é interessante destacar, na *Genealogia* 15.10, outros termos que Boccaccio associa a *studium*: de um lado, os substantivos *ingenium* (“engenho”, “talento”, “gênio”), *natura* (“natureza”, “caráter”,

<sup>1</sup> O texto apresentado nesta Introdução segue, parcialmente, a seção “Boccaccio through texts” de minha tese de doutorado (FONSECA JUNIOR, 2021, p. 26-38). Agradeço aos pareceristas anônimos da revista *Rónai*, bem como às editoras Carol Martins da Rocha e Talita Janine Juliani, pelas valiosas sugestões e comentários.

<sup>2</sup> Cf. verbete *studium* no *Oxford Latin Dictionary* (OLD, 2012), em especial os sentidos 1 (“earnest application of one’s attention or energies to some specified or implied object, zeal, ardour; *b* inclination towards a thing, desire, fancy”) e 7 (“intellectual activity, esp. of a literary kind, or an instance of it, study” etc.). O *Dictionary of Medieval Latin from British Sources* (DMLBS, 2018) traz definições semelhantes de *studium* em 1a e 5a, respectivamente; além de apontar, na acepção 6, o significado de “instituição universitária” (também indicado no *Mediae Latinitatis Lexicon Minus* de NIERMEYER, 1976).

“índole”), *vis/vires* (“força”, “potência”, “vigor”), *officium* (“ofício”, “função”, “ocupação”, “dever”), *desiderium* (“desejo”, “vontade”, “necessidade”), *facultas* (“aptidão”, “capacidade”, “faculdade” e também, no latim medieval, “disciplina”, “curso” ou “instituição universitária”), *vocatio* (“convite”, “chamado”, “invocação”, “vocação”); de outro, os verbos *inpello* (“impelir”, “estimular”, “instigar”), *inclino* (“inclinar”, “pender”), *gigno* (“engendrar”, “gerar”, “produzir”), *nascor* (“nascer”), *tendo* (“estender”, “tender a”, “visar”) e seus derivados.<sup>3</sup>

Ao elaborar uma teoria sobre a vocação poética, Boccaccio busca justificar e legitimar o ofício dos poetas e, conseqüentemente, todos os outros ofícios considerados supérfluos por uma parcela da sociedade. Mais especificamente, o discurso boccacciano é endereçado aos advogados e teólogos, embora se estenda também aos médicos, mercadores, notários – enfim, a quaisquer profissionais que se julguem moral e/ou utilitariamente superiores.<sup>4</sup> Na verdade, o argumento da vocação ou inclinação poética utilizado por Boccaccio é apenas um dentro de uma série de argumentos, inserida em um contexto maior de defesa da poesia e dos poetas, que ocupa os dois últimos livros das *Genealogie*.<sup>5</sup>

Boccaccio começou a escrever as suas *Genealogie* na segunda metade dos anos 1350 (possivelmente em 1359) e as continuou revisando até o fim da vida.<sup>6</sup> A cronologia, nesse caso, é relevante: enquanto escrevia essa monumental obra sobre os deuses e heróis da mitologia greco-romana (ao mesmo tempo em que preparava sua coleção de biografias femininas, o *De mulieribus claris*, e seu livro de élogos, o *Buccolicum carmen*, também em latim), o certaldense já havia escrito grande parte de sua produção.<sup>7</sup> No entanto, conforme podemos inferir a partir de algumas cartas suas e de amigos próximos, mesmo no auge de sua carreira poética, Boccaccio ainda tinha excessivas preocupações financeiras. Ao contrário de Petrarca, ele nunca obteve a coroa de louros e, por muito tempo, parece ter ressentido o fato de não ter sido contratado para trabalhar como poeta na corte de Anjou, em Nápoles – posto esse que viria a ser ocupado por seu antigo colega de escola, Zanobi da Strada.<sup>8</sup> Além disso, durante toda a juventude, Boccaccio

<sup>3</sup> Cf. OLD, DMLBS e Faria (1962).

<sup>4</sup> Em sua élogia *Saphos*, particularmente nos vv. 157-164, Boccaccio tece uma crítica semelhante a esses profissionais (descritos como “Ericole”, isto é, “cultivadores da discórdia”) que, por pura ignorância e malícia, viviam atacando a poesia (representada alegoricamente como Safo de Lesbos) – cf. Perini (1994, p. 1039) e Fonseca Jr. (2021, p. 157-221).

<sup>5</sup> Cf. Heise (2013b, p. 154-157).

<sup>6</sup> Sobre a cronologia das *Genealogie* – bem como das demais obras boccaccianas –, ver Tanturli & Zamponi (2013, p. 61-66) e Armstrong *et al.* (2015, p. xxix-xxxv).

<sup>7</sup> Sobre a obra *De mulieribus claris*, cf. Juliani (2021, p. 133-153; 2016); sobre o *Buccolicum carmen*, cf. Fonseca Jr. (2016; 2021).

<sup>8</sup> Sobre as preocupações financeiras de Boccaccio na velhice, cf. Petrarca, *Seniles* 17.2 – discussão em Zak (2010, p. 153). Sobre sua frustração quanto à carreira poética e a falta de reconhecimento em vida, cf. Boccaccio, *Epistola* 19 – discussão em Daniels (2003, p. 28-29). Sobre a tumultuada relação de Boccaccio com Zanobi, cf. Boccaccio, *Epistole* 17 – discussão em Baglio (2013, p. 343-395). Ver

teve de lidar com as críticas de um pai autoritário, um mercador ávido por dinheiro (como bem ilustra Boccaccio em sua *Amorosa visione* 14.34-45), que desejou a todo custo que o filho seguisse a mesma profissão.

É sob esse pano de fundo que Boccaccio vai expor, na *Genealogia* 15.10, sua convicção de que cada indivíduo possui uma tendência própria, incutida pela natureza e, conseqüentemente, por Deus. Ainda que essa tendência não seja incontornável ou determinante (pois somos todos livres para escolher o caminho que julgarmos melhor para nós mesmos), ela é muito forte para ser ignorada. Em última instância, o que Boccaccio propõe é muito simples: que cada um siga o próprio desejo sem menosprezar os demais. Visando ilustrar seu argumento de forma convincente e persuasiva, Boccaccio cita exemplos de sua experiência pessoal, e lamenta ter desperdiçado tanto tempo de vida com estudos para os quais ele claramente nunca esteve apto.

Boccaccio inicia o capítulo com uma leve provocação. Respondendo àqueles que acham que os poetas deveriam se dedicar a estudos mais elevados, ele sugere que o motivo pelo qual certos homens estimam tanto o direito e a medicina, por exemplo, está mais relacionado ao dinheiro que essas profissões geram do que à virtude intrínseca a elas. Na sequência, ele cita a filosofia e a teologia, que, assim como o direito e a medicina, são disciplinas virtuosas, mas, ao contrário destas, são almeçadas por espíritos nobres. Ora, aqueles que optam pela filosofia geralmente buscam conhecer as causas das coisas e distinguir o verdadeiro do falso; e aqueles que se dedicam à teologia, em tese, desprezam as coisas temporais e pretendem mostrar o caminho para se alcançar o reino celeste.

Boccaccio reconhece, contudo, que nem sempre escolhemos aquilo que é compatível com as nossas inclinações naturais e, mesmo quando o escolhemos, dificilmente somos bem-sucedidos. A natureza incute diferentes tendências nos seres e é precisamente essa diversidade que garante a preservação do gênero humano. Com efeito, se fôssemos todos iguais, mal poderíamos sobreviver. A natureza produz carpinteiros, marinheiros, mercadores, padres, advogados, juízes, poetas, filósofos, teólogos e mais uma infinidade de profissionais, todos igualmente necessários para a manutenção do coletivo. Afinal, se todo mundo resolvesse se dedicar à teologia em vez da agricultura, por exemplo, de que iríamos nos alimentar? Além disso, quem somos nós para negar a nossa própria

---

também *Midas*, écloga boccacciana que parece representar, alegoricamente, como Niccolò Acciaiuoli (importante oficial e conselheiro do reino napolitano) teria iludido Boccaccio, dizendo que este estaria sendo cotado para substituir Zanobi como poeta na corte de Anjou, em 1355 – cf. comentário de Perini (1994, p. 979). Deve-se lembrar que Boccaccio teria nascido em Certaldo, mas passado a infância em Florença e a adolescência em Nápoles – cf. *Epistola* 13.37: “io sono vivuto, dalla mia puerizia infino in intera età nutricato, a Napoli”. Segundo uma indicação em sua *Epistola* 5, ele só teria se mudado de volta a Florença por obrigação (“dell’essere mio in Firenze contra piacere niente vi scrivo”, *Epistola* 5.6).

natureza e seguir uma ocupação à qual não estamos propensos? Eis o fulcro do argumento boccacciano em *Genealogia* 15.10.

Boccaccio está ciente de que todos nós possuímos o livre arbítrio para, se assim o desejarmos, tentar superar o poder da natureza. No entanto, ele observa que pouquíssimas pessoas são capazes disso. Então, o certaldense recorre a um exemplo pessoal, afirmando que, desde o útero da mãe, ele estava destinado a seguir a carreira poética: “Certamente [a natureza] me criou – e a experiência é minha testemunha – predisposto, desde o útero materno, às meditações poéticas e, segundo penso, eu nasci para isso” (*natura ... me quidem, experientia teste, ad poeticas meditationes dispositum ex utero matris eduxit et meo iudicio in hoc natus sum* – *Gen.* 15.10.6). Assim, Boccaccio emprega uma tópica usada por ele mesmo no *Trattatello in laude di Dante* (primeira redação de 1351–1355), particularmente na passagem em que ele narra o sonho profético da mãe de Dante Alighieri: quando ainda estava grávida, ela sonhou que dava à luz sob a copa de um alto loureiro, renunciando a grande honra poética e eloquência do filho.<sup>9</sup> Essa cena do *Trattatello*, por sua vez, remete-nos a um trecho da *Vita Virgiliana* de Suetônio-Donato, na qual somos informados de que a mãe de Virgílio, grávida dele, sonhou que dava à luz um ramo de louro, que fincou raízes na terra e cresceu para dar muitos frutos e flores.<sup>10</sup>

Mais adiante, em *Genealogia* 15.10.8, Boccaccio relata que, pouco antes de completar sete anos de idade, ele mal havia aprendido a escrever quando foi tomado por um desejo súbito de compor histórias (*fictiones*). Boccaccio não nos diz explicitamente, na *Genealogia* 15 ou em qualquer outra obra sua, quem o ensinou a ler e escrever. No entanto, de acordo com o cronista e biógrafo Filippo Villani (ca. 1325–1407/1409), Giovanni Mazzuoli (pai do poeta Zanobi da Strada) teria sido o primeiro educador de Boccaccio.<sup>11</sup> Quer aceitemos essa informação ou não, é verossímil imaginar que, quando criança, Boccaccio teria cumprido os três estágios de ensino elementar, comuns a todo pupilo italiano do século 14. Tais estágios eram pautados, respectivamente, na *tavola* (tabelas do alfabeto e sílabas), no *salterio* (salmos selecionados e outros textos religiosos) e no chamado *donato* ou *donadello* (que, na verdade, correspondia à *Ianua*, um manual de gramática elementar do latim, com foco em morfologia e desenvolvido no século 12, ou antes disso, a partir da *Ars minor* de Donato e das *Partitiones* de Prisciano).<sup>12</sup>

<sup>9</sup> Cf. *Trattatello in laude di Dante* (red. 1) 212.

<sup>10</sup> Cf. *Vita Virgilio* 3 (ed. Ziolkowski & Putnam, 2008, p. 182). Sobre a controversa dependência da *Vita Virgiliana* de Élio Donato (séc. 4 EC) em relação a uma hipotética obra perdida de Suetônio (ca. 69-ca. 150 EC), cf. Wilson-Okamura (2010, p. 49-50). Sobre a familiaridade de Boccaccio com as primeiras biografias virgilianas, cf. Kirkham (1992, p. 241-242).

<sup>11</sup> Cf. *De origine civitatis Florentie et de eiusdem famosis civibus* (ed. Solerti, p. 672), e Branca (1977, p. 10-11). Em sua *Epistola* 19, Boccaccio sugere que, após a morte de Mazzuoli, Zanobi da Strada foi incumbido de administrar a escola do pai.

<sup>12</sup> Cf. Black (2001, p. 48; 1991, p. 141-145).

Apesar de esses materiais serem todos escritos em latim, eles não exigiam do aluno um conhecimento ou uso ativos da língua clássica.<sup>13</sup> Durante esse nível “primário”, esperava-se que as crianças aprendessem apenas a ler e decorar os textos. De fato, segundo Robert Black (2001, p. 35-36), a maior parte dos pedagogos italianos daquele período era formada por artesãos mal remunerados, que sabiam pouco ou nada de latim; tópicos avançados, como sintaxe, composição e literatura latinas (*auctores*), eram estudados somente em nível “secundário”, numa escola de gramática. Assim, ainda que Boccaccio tenha estudado com Mazzuoli (conforme nos diz Villani), podemos deduzir que, na primeira fase de seu percurso escolar, ele teria tido muito pouco contato com a língua e a literatura latinas – e certamente ainda menos na fase seguinte.

Ao contrário do que se via então em outras regiões ao norte do Alpes, a educação na Itália trecentista era relativamente uniforme, pragmática e visava, sobretudo, à formação de uma classe de profissionais notários, mercadores, médicos e advogados.<sup>14</sup> Nesse cenário, Boccaccio descreve, na *Genealogia* 15.10.7, como seu pai moveu um esforço hercúleo para direcioná-lo ao mundo dos negócios. Primeiro, ele o obrigou a estudar aritmética e, depois, o confiou a um famoso mercador. Disso seria possível inferir que Boccaccio não frequentou uma escola de gramática. Seguindo um caminho alternativo, que se tornava cada vez mais comum aos filhos de mercadores e outros profissionais endinheirados, após concluir aquele ciclo elementar, provavelmente aos dez ou onze anos de idade, Boccaccio teve aulas com um *maestro di abaco*.<sup>15</sup> Diferentemente dos *magistri grammaticae*, os *maestri di abaco* ensinavam matemática a partir de tratados escritos em língua vernácula – por exemplo, o *Tractatus Algorismi*, de Jacopo da Firenze (1307), que se assemelhava em parte ao *Liber Abaci* de Leonardo Pisano, dito Fibonnaci (1202), e tinha um foco claramente utilitário: preparar os alunos a lidar com finanças.<sup>16</sup> A partir dos doze anos de idade, mais ou menos, esses mesmos alunos estariam prontos para se tornarem aprendizes em uma firma.

Boccaccio recorda que atuou como aprendiz de mercador durante seis fastidiosos anos, desperdiçando um precioso tempo que ele jamais conseguiu recuperar (*Gen.* 15.10.7). Ao perceber tardiamente que ele estava mais apto para

<sup>13</sup> Assim como a gramática elementar de Donato, a *Ianua* era dividida em seções sobre cada uma das oito partes do discurso. Na prática, porém, assemelhava-se mais às *Partitiones* de Prisciano e incluía, além de definições gramaticais, listas de paradigmas, declinações e conjugações. O foco da *Ianua*, portanto, era morfologia, que os alunos deveriam memorizar. Apenas aqueles que eventualmente ingressassem numa escola de gramática iriam aprender a compor, analisar e comentar textos em latim.

<sup>14</sup> Cf. Black (2001, p. 62).

<sup>15</sup> Cf. Høystrup (2007, p. 27).

<sup>16</sup> Cf. Black (2001, p. 29), Witt (2000, p. 194-5) e Høystrup (2007, p. 62). Contudo, vale a pena ressaltar que, na Itália trecentista, nem mesmo as escolas de gramática encorajavam ativamente os alunos a escrever poesia, e que manuais de versificação e poética eram usados em sala de aula com o objetivo primordial de auxiliá-los na escrita de textos em prosa – cf. Black (2001, p. 344) e Witt (2000, p. 196-198).

as letras, seu pai ordenou que fosse estudar direito canônico, como uma alternativa para ganhar dinheiro – e nisso Boccaccio gastou, de novo, seis anos de vida.<sup>17</sup> Um belo dia, porém, Boccaccio decidiu se insurgir contra os professores, pai e até mesmo amigos, abandonando a perspectiva de uma carreira lucrativa para seguir sua verdadeira vocação: a poesia.<sup>18</sup> Embora já adulto, Boccaccio conta que conseguiu assimilar espontaneamente o pouco de poesia que conhecia e, com grande afincamento e deleite, passou a ler e compreender os livros dos grandes poetas. Em pouco tempo, Boccaccio passou a ser chamado de poeta, ainda que ele próprio não se reconhecesse como um: “fui chamado de poeta por quase todos que me conheciam – apesar da minha forte relutância, pois até hoje não me considero poeta” (*me etiam pro viribus renitente, quod non dum sum, poeta fere a notis omnibus vocatus fui* – Gen. 15.10.8). Porém, julgando ter recebido um dom divino, o certaldense resolveu insistir no ofício: “uma vez que julgo ter sido chamado, com a anuência de Deus, para a vocação poética, nela pretendo permanecer” (*cum existimem Dei beneplacito me in hac vocatione vocatum, in eadem consistere mens est* – Gen. 15.10.9).

Com base neste quadro, percebe-se a relevância da *Genealogia* 15.10 não só para a defesa da poesia, mas também para construção da autobiografia boccacciana e para um debate mais amplo sobre vocação literária, que ganhará força no Renascimento e, depois, no Romantismo. A seguir, apresentarei o texto original e completo do referido capítulo acompanhado de minha tradução para o português brasileiro. O texto latino adota a ortografia medieval, conforme a edição das *Genealogie deorum gentilium* preparada por Vittorio Zaccaria e publicada em 1998 na coleção *Tutte le opere di Giovanni Boccaccio*, sob a curadoria geral de Vittore Branca. Com a minha tradução, espero poder contribuir para a divulgação de um importante texto, que porventura será de algum proveito para leitores de Boccaccio, bem como para especialistas das áreas de Letras Clássicas, Italiano e Estudos Literários. Visto que o foco aqui é a própria tradução, optei por apresentar as informações que julguei essenciais nesta introdução, evitando o uso

<sup>17</sup> Seis anos era o período mínimo estipulado para a obtenção do diploma de bacharel no Trecento italiano – cf. Brundage (2008, p. 219-282). De modo semelhante a Boccaccio, em *Familiares* 20.4, Petrarca conta que “desperdiçou” sete anos estudando direito em Montpellier e Bologna. Por fim, essa tópica nos remete à biografia poética de Ovídio, em especial *Tristia* 4.10.21-22 (passagem aludida por Boccaccio em suas *Esposizioni* 4. litt. 118) – cf. Fonseca Jr. (2021, p. 32). Para uma discussão mais abrangente sobre as relações entre a carreira boccacciana e a ovidiana, cf. Juliani (2016). É importante lembrar que, no curso de direito canônico, não apenas os textos basilares do currículo (por exemplo, os *decreta* de Graciano, Gregório IX e Bonifácio VIII), mas também as aulas e exames universitários eram todos escritos e conduzidos em latim. Sobre a influência da *ars notaria* e da *ars dictaminis* no estilo de Boccaccio, cf. De Blasi (1993, p. 273).

<sup>18</sup> Por um lado, contrariando o relato do próprio Boccaccio na *Genealogia* 15.10, suas primeiras composições datam do início dos anos 1330, quando ele ainda era aluno de direito canônico no *Studium* napolitano – onde, aliás, é possível que ele tenha tido aulas com o célebre poeta Cino da Pistoia (cf. BRANCA, 1977, p. 30-31). Por outro lado, quando já adulto, em Florença, Boccaccio desempenhou outras funções além da de poeta, atuando como tesoureiro, coletor de impostos e emissário, para citar algumas – cf. Armstrong *et al.* (2015, p. xxix-xxxv).

de notas de rodapé (exceto em uma passagem) no material abaixo. Busquei, tanto quanto possível, elaborar uma tradução fiel ao texto latino, mas ao mesmo tempo fluida e simples no português, o que resultou, por exemplo, no recorte de alguns períodos mais longos e na inserção de parênteses ou travessões quando pertinente.

### ***Genealogie deorum gentilium* 15.10 – Texto latino e tradução**

*Ut plurimum studia sequimur, in que  
prona videntur ingenia.*

*Na maioria das vezes, seguimos os  
estudos para os quais nossos engenhos  
parecem inclinados.*

[1] *Si fateantur non nulli vera esse que dicta sunt, non tamen quieturos reor, quin imo arbitror dicent longe melius fuisse studiis sanctoribus trivisse tempus, quam talia didicisse. Quod si quis neget, non erit equidem satis sanus. Nosco quoniam in promptu erant Leges Cesarum et Pontificum canones et medicina, quorum plurimi sanctissima arbitrantur studia, eo quod ex eis persepe auro avidi mortales ditentur. Erat et phylosophia, cuius optima demonstratione rerum cause et a falsis disgregari vera noscuntur, generosis quibuscunque ingeniis appetenda. Erant et sacra volumina, a quibus et parvipendere peritura docemur, et Dei magnalia declarantur atque, quo tramite celeste regnum petamus, ostenditur.*

[1] Ainda que alguns críticos admitam que os argumentos apresentados até aqui são verdadeiros, creio que eles não irão sossegar; pelo contrário, penso que eles dirão que teria sido muito melhor se eu tivesse empregado meu tempo em estudos sagrados, em vez de ter aprendido tais frivolidades. Se alguém negar isso, certamente não estará em seu juízo perfeito. Estou ciente de que havia à minha disposição as *Leis de César*, os *Cânones dos Pontífices* e a medicina. Muitos consideram esses estudos sacratíssimos, porque é por meio deles que, frequentemente, os homens ávidos por dinheiro conseguem enriquecer. Havia também a filosofia, que deve ser almejada pelos nobres engenhos, pois sua ótima forma de demonstração nos permite conhecer as causas das coisas e distinguir as verdadeiras das falsas. Havia também as Sagradas Escrituras, as quais nos ensinam a desprezar as coisas efêmeras, revelam as maravilhas de Deus e mostram qual caminho nos conduz ao reino celestial.



[2] *Quod studium profecto ceteris preponendum est. Ex his quodcumque sumpsissem, forte sanctius egisse me dicerent obiectores. Sane si quod debemus ageremus omnes, legum minister rostra frustra conscenderet. Attamen non adeo facile est, ut existimant aliqui, velle omnia qui debemus; et longe acrius consequi, si velimus. Nam, ut cytharista variis ex fidibus, aliis lentius, aliis vero protensius tractis, his gravem, acutum illis tinnitum reddentibus, docta manu plectroque ex tam discordantibus tonis reddit suavissimam armoniam, sic et natura parens, cui inexhauste vires et perfectum ingenium est, producit hec peritura diversis officiis apta, ut ex hac officiorum inconvenientia resultet humani generis, circa quod plurimum intenta est, conservatio; atque ubi in longam conservationem iri non possit, nova productio, advertens quoniam, si uniformes producerentur omnes, ut de reliquis sinam, homines nulla possent producti, nec etiam per tempusculum, ratione consistere.*

[3] *Ergo hinc fit ut discreto nature ordine hic ex mortalibus nascatur faber, ille nauta, mercator alius, et quidam sacerdotio apti aut regimini, et non nulli legum latores, presides, poete, phylosophi, seu sublimes theologi. Ex quorum studiis variis tam ingentis multitudinis hominum conservatio resultet necesse est. Nam si omnes, quoniam ad unumquemque spectat, si possit, ad studia sublimiora conscendere, in theologiam vigilantes*

[2] Esse estudo certamente deve ser preferido aos demais. O que quer que eu tivesse apreendido das Escrituras, os críticos talvez diriam que eu agi de modo mais correto. Realmente, se todos nós fizéssemos aquilo que deveríamos fazer, o juiz subiria em vão ao púlpito! Entretanto, não é assim tão fácil, conforme alguns supõem, desejar tudo aquilo que deveríamos desejar; e é ainda mais difícil conseguir algo quando o desejamos. Ora, o tocador de cítara dedilha várias cordas, algumas menos, outras mais tensionadas, obtendo um som grave e um agudo; e com a hábil mão e o plectro ele obtém, de tons tão discordantes, a mais agradável harmonia. Assim funciona também a natureza criadora, que, dotada de forças inesgotáveis e engenho perfeito, produz coisas efêmeras adaptadas para diversas funções, de modo que essa discordância de funções resulte na preservação do gênero humano, pois nisso a natureza está toda empenhada. Quando um produto não pode ser preservado por muito tempo, um novo aparece em seu lugar, lembrando-nos que, se todos fossem produzidos da mesma maneira, os seres humanos (deixarei de lado o resto) não durariam, sob hipótese alguma, nem um instante.

[3] A consequência disso é que, por uma distinta ordem da natureza, um homem nasce ferreiro, outro marinheiro e outro ainda mercador; alguns nascem aptos para o sacerdócio ou governo, enquanto outros nascem legisladores, líderes, poetas, filósofos ou sublimes teólogos. É mister que, dessa variedade de inclinações, resulte a preservação de um grande número de homens. Ora, se todos – porquanto

*iremus, et agriculator absit, ex quibus, queso, fructibus, tam nobile sequentes studium, nutriremur?*

[4] *Si cementarius, si lignarius desit, quibus in tabernaculis ab ymbribus, a ventis, a frigoribus ac solis estu, et alii incommodis, assidue superimminentibus, tutabimur? Si non sit lanifex, non cerdo, unde vestes et calciamenta sumemus?*

[5] *Quid enumerem multa? Uti in commodum humani corporis inter se differentia qualitate et officio membra a natura rerum apposita sunt, ut ex hac diversitate consistat, uti melodia ex diversitate tonorum, sic et, ut humanum genus perseveret, necesse fuit ad studia inter se differentia gigneremur. Et si ab ipsa natura, que sic celos, sic astrorum orbes et cursus varia etiam agitatione disposuit, agente Deo, ut nullo labore suo ad officia productos varia nos videmus, quis, queso, feliciter audebit ab eo, ad quod natus est, in aliud transitum attentare? Non quidem adeo ignarus sum quin noverim liberi arbitrii, quo omnes valemus, potentia possimus nature superare vires; quod egisse non nullos legimus. Opus profecto inter raro contingentia numerandum: tam grandi et fere invincibili necessitate trahimur, in quod nascimur! Et si ad diversa gignimur, nascimur alimurque, si ea plene peragamus in que trahimur, equidem satis est, nedum in aliud transitum fecisse velimus; quod dum iam dudum frustra temptarent aliqui, id perdidere quod erant, nec id potuerunt effici quod querebant.*

se espera que cada indivíduo, se possível, eleve-se aos estudos mais sublimes – buscassem diligentemente a teologia e não houvesse o agricultor, de que frutos nós, seguindo um estudo tão nobre, iríamos nos alimentar?

[4] Se faltasse o pedreiro ou o carpinteiro, em que habitações iríamos nos proteger da chuva, dos ventos, do frio, do calor do sol e de outros transtornos, sempre iminentes? Se não houvesse o produtor de lã ou o sapateiro, de onde é que obteríamos nossas vestes e calçados?

[5] Para que listar tantos exemplos? Para o proveito do corpo humano, a natureza juntou membros diferentes entre si quanto à qualidade e função, de modo que ele se sustente por causa dessa diversidade. Assim como se faz uma melodia com uma diversidade de tons, foi necessário para a preservação do gênero humano que nós nascêssemos com inclinações diferentes. Se fomos gerados pela própria natureza – a qual regulou os céus, as órbitas dos astros e seus cursos com um movimento variado, obedecendo a Deus, da mesma forma que, sem nenhum esforço dela, nos vemos conduzidos aos diversos ofícios –, quem então ousará, de bom grado, tentar um caminho diferente daquele para o qual nasceu? Obviamente, não sou tão ignorante a ponto de não saber que pelo poder do livre arbítrio, de que todos nós dispomos, somos capazes de superar a força da natureza; inclusive, vemos que alguns homens já fizeram isso. Tal proeza deve ser contada entre aquelas contingências que raramente ocorrem: somos conduzidos por uma grande e quase invencível necessidade à via

para a qual nascemos! Se somos gerados, nascidos e nutridos para os diversos ofícios; se perseguimos plenamente aqueles para os quais somos conduzidos, isso já é mais do que suficiente, sem que desejemos ter traçado outro caminho. Enquanto uns já tentaram fazer isso em vão, eles perderam aquilo que eles eram, e não puderam se tornar aquilo que inicialmente queriam ser.

[6] *Verum ad quoscunque actus natura produxerit alios, me quidem, experientia teste, ad poeticas meditationes dispositum ex utero matris eduxit et meo iudicio in hoc natus sum.*

[6] O fato é que, para cada impulso, a natureza gerou outros. Certamente ela me criou – e a experiência é minha testemunha – predisposto, desde o útero materno, às meditações poéticas e, segundo penso, eu nasci para isso.

[7] *Satis enim memini apposuisse patrem meum a pueritia mea conatus omnes ut negociator efficerer, meque, adolescentiam nondum intrantem, arismetria instructum, maximo mercatori dedit discipulum, quem penes sex annis nil aliud egi quam non recuperabile tempus in vacuum terere. Hinc quoniam visum est, aliquibus ostendentibus indiciis, me aptiorem fore licterarum studiis, iussit genitor idem, ut pontificum sanctiones, dives exinde futurus, auditurus intrarem, et sub preceptore clarissimo fere tantundem temporis in cassum etiam laboravi. Fastidiebat hec animus adeo, ut in neutrum horum officiorum, aut preceptoris doctrina, aut genitoris auctoritate, qua novis mandatis angebar continue, aut amicorum precibus seu obiurgationibus inclinari posset, in tantum illum ad poeticam trahebat affectio.*

[7] Recordo-me bem que, desde a minha infância, meu pai tentou de tudo para que eu me tornasse um homem de negócios. Eu mal havia entrado na adolescência quando, depois de aprender aritmética, ele me fez aprendiz de um grande mercador, com quem passei quase seis anos sem nada fazer além de gastar, inutilmente, um tempo irrecuperável. Então, visto que, diante de alguns indícios aparentes, ficou claro que eu estava mais apto para o estudo das letras, meu pai ordenou que eu ingressasse como aluno na escola de direito canônico, para que eu me tornasse rico; e, tendo um mestre bastante ilustre, de novo trabalhei em vão por quase o mesmo tempo. A minha mente desprezava tanto essas tarefas, que nem a instrução do meu mestre, nem a autoridade do meu pai (que constantemente me atormentava com novas ordens), nem os pedidos ou censuras de meus amigos conseguiram me direcionar àqueles ofícios, de tal modo a minha paixão

[8] *Nec ex novo sumpto consilio in poesim animus totis tendebat pedibus, quin imo a vetustissima dispositione ibat impulsus; nam satis memor sum, non dum ad septimum etatis annum deveneram, nec dum fictiones videram, non dum doctores aliquos audiveram, vix prima licterarum elementa cognoveram, et ecce, ipsa inpellente natura, fingendi desiderium affuit, et si nullius essent momenti, tamen aliquas fictiunculas edidi; non enim suppetebant tenelle etati officio tanto viris ingenii. Attamen iam fere maturus etate et mei iuris factus, nemine inpellente, nemine docente, imo obsistente patre et studium tale damnante, quod modicum novi poetice sua sponte sumpsit ingenium, eamque summa aviditate secutus sum, et precipua cum delectatione autorum eiusdem libros vidi legique et, uti potui, intelligere conatus sum. Et mirabile dictu, cum nondum novissem quibus seu quot pedibus carmen incederet, me etiam pro viribus renitente, quod non dum sum, poeta fere a notis omnibus vocatus fui. Nec dubito, dum etas in hoc aptior erat, si equo genitor tulisset animo, quin inter celebres poetas unus evasissem, verum dum in lucrosas artes primo, inde in lucrosam facultatem ingenium flectere conatur meum, factum est ut nec negociator sim, nec evaderem canonista, et perderem poetam esse conspicuum.*

estava voltada para a atividade poética.

[8] Sem assumir um novo plano, a minha mente prosseguia, em marcha reta, para a poesia; na verdade, ela ia impulsionada por uma disposição muito antiga. Recordo-me bem que, antes mesmo de completar sete anos de idade, antes de ter lido histórias ou ouvido algum professor, eu mal tinha aprendido os primeiros elementos das letras quando de repente, estimulado pela própria natureza, surgiu um desejo de compor; e, ainda que fossem de pouca importância, eu criei algumas historinhas<sup>19</sup> – com efeito, para aquela tenra idade, o vigor do engenho não estava à altura de uma tarefa tão importante. Entretanto, quando eu já era quase adulto e me tornei independente, sem que houvesse ninguém para me estimular ou instruir, mas antes com um pai que se opunha e censurava tal estudo, o meu engenho assimilou espontaneamente o pouco de poesia que já conhecia; com grande afinco dediquei-me a essa atividade e, com especial satisfação, vi, li e tentei compreender, conforme pude, os livros dos poetas. Incrivelmente, embora eu ainda não soubesse com quais ou quantos pés um poema avançava, fui chamado de poeta por quase todos que me conheciam – apesar da minha forte relutância, pois até hoje não me considero poeta. Não tenho dúvidas de que, quando a idade era mais propícia para isso, se meu pai tivesse me estimulado de boa vontade, eu teria me tornado um poeta célebre.

<sup>19</sup> Boccaccio associa o conceito de *fictio* ao de *fabula*, no sentido de “composição fictícia”, “estória”, “história inventada”, em contraposição ao relato verídico, historiográfico (*hystoria*) – cf. *Gen.* 14.9 e 13; discussão em Heise (2013a, p. 61-70) e Menetti (2015, p. 109-133). Assim, optei por traduzir *fictiones* como “histórias” e *fictiunculas* como “historinhas”.

Mas como ele tentou desviar o meu engenho, primeiro para as artes lucrativas, e depois para uma faculdade lucrativa, acabou que eu não me tornei nem homem de negócios, nem canonista, e ainda perdi a chance de ser um poeta ilustre.

[9] *Cetera preterea facultatum studia, etsi placerent, quoniam non sic inpellerent, minime secutus sum. Vidi tamen sacra volumina, a quibus, quoniam annosa etas et tenuitas ingenii dissuasere, destiti, turpissimum ratus senem, ut ita loquar, elementarium nova inchoare studia, et cunctis indecentissimum esse id attentasse quod minime arbitraris posse perficere. Et ideo, cum existimem Dei beneplacito me in hac vocatione vocatum, in eadem consistere mens est, et, quod egerim hactenus, his monstrantibus studiis, laudare.*

[9] Depois, eu não segui outros estudos, pois, ainda que me agradassem, eles não me moviam da mesma maneira que a poesia. Li as Sagradas Escrituras, mas desisti de seu estudo por causa da idade avançada e da fraqueza de meu engenho, supondo ser demais vergonhoso que um velho ainda principiante, por assim dizer, começasse novos estudos; e que para todo mundo seria bastante inconveniente tentar aquilo que se acredita impossível concluir. Por isso, uma vez que julgo ter sido chamado, com a anuência de Deus, para a vocação poética, nela pretendo permanecer e exaltar o que fiz até agora, conforme mostram os meus estudos.

[10] *Querant alii quod videtur! Qui ergo patiuntur cerdonem subule setisque vacare, lanistam pecori, sculptorem statuis, me etiam, queso, vacasse poetis equo animo patiantur.*

[10] Que os outros busquem o que lhes parecer melhor! Aqueles que permitem que o sapateiro se dedique à sovela e às cerdas, o vendedor de lã às ovelhas, o escultor às estátuas, que a mim também permitam dedicar-me, tranquilamente, aos poetas.

## REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, Guyda; DANIELS, Rhiannon; MILNER, Stephen. Chronology. In: **The Cambridge companion to Boccaccio**. Cambridge: Cambridge University Press, 2015. p. xxix–xxxv.

ASHDOWNE, Richard; HOWLETT, David; LATHAM, Ronald (eds.). **Dictionary of Medieval Latin from British Sources**. Oxford: British Academy, 2018.

BAGLIO, Mario. *Avidulus glorie: Zanobi da Strada tra Boccaccio e Petrarca*. **Italia medioevale et umanistica**, vol. 54, p. 343-339, 2013.

BLACK, Robert. **Humanism and education in medieval and Renaissance Italy: tradition and innovation in Latin schools from the twelfth to the fifteenth century**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

BOCCACCIO, Giovanni. *Amorosa visione*, ed. Vittore Branca. In: BRANCA, Vittore (ed.). **Tutte le opere di Giovanni Boccaccio**, vol. 3. Milão: Mondadori, 1974. p. 1-272.

BOCCACCIO, Giovanni. *Bucolicum carmen*, ed. Giorgio Bernardi Perini. In: BRANCA, Vittore (ed.). **Tutte le opere di Giovanni Boccaccio**, vol. 5/2. Milão: Mondadori, 1994. p. 689-1085.

BOCCACCIO, Giovanni. *Carmina*, ed. Giuseppe Velli. In: BRANCA, Vittore (ed.). **Tutte le opere di Giovanni Boccaccio**, vol. 5/1. Milão: Mondadori, 1992. p. 375-492.

100

BOCCACCIO, Giovanni. *Epistole e lettere*, ed. Ginetta Auzzas. In: BRANCA, Vittore (ed.). **Tutte le opere di Giovanni Boccaccio**, vol. 5/1. Milão: Mondadori, 1992. p. 493-856.

BOCCACCIO, Giovanni. *Genealogie deorum gentilium*, ed. Vittorio Zaccaria. In: BRANCA, Vittore (ed.). **Tutte le opere di Giovanni Boccaccio**, vols. 7-8. Milão: Mondadori, 1998.

BOCCACCIO, Giovanni. *Trattatello in laude di Dante*, ed. Pier Giorgio Ricci. In: BRANCA, Vittore (ed.). **Tutte le opere di Giovanni Boccaccio**, vol. 3. Milão: Mondadori, 1974. p. 423-538.

BRANCA, Vittore. **Giovanni Boccaccio: profilo biografico**. Florença: G. C. Sansoni Editore, 1977.

DANIELS, Rhiannon. **Reading and meaning: the reception of Boccaccio's *Teseida*, *Decameron*, and *De mulieribus claris* to 1520**. Tese de Doutorado - Department of Italian, University of Leeds, Leeds, 2003.

DE BLASI, Nicola. La prosa. In: BRIOSCHI, Franco; GIROLAMO, Costanzo di (eds.). **Manuale di letteratura italiana: storia per generi e problemi**, vol. 1. Turim: Bollati Boringhieri Editore, 1993. p. 262-281.

FARIA, Ernesto. **Dicionário escolar latino-português**. 3 ed. Brasília: Ministério da Educação, 1962.

FONSECA JUNIOR, Adir de Oliveira. **Allegory of the self: Boccaccio's *Buccolicum carmen***. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) – Faculty of Classics, University of Oxford, Oxford, 2021.

FONSECA JUNIOR, Adir de Oliveira. **Olympia de Giovanni Boccaccio: gêneros e memória poética virgiliana**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

GLARE, P. G. W. **Oxford Latin dictionary**. 2 ed. Oxford: Oxford University Press, 2012.

HEISE, Pedro Falleiros. Boccaccio e a poesia. **Morus**, vol. 9, p. 61-70, 2013a.

HEISE, Pedro Falleiros. Boccaccio em defesa da poesia: as *Genealogie deorum gentilium*. **Serafino**, v. 5, p. 154-157, 2013b.

HØYRUP, Jens. **Jacopo da Firenze's *Tractatus algorismi* and early Italian *abbacus* culture**. Basileia; Boston: Birkhäuser, 2007.

JULIANI, Talita Janine. Dido, rainha de Cartago: uma releitura de Giovanni Boccaccio na obra *De mulieribus claris*. **Rónai**, vol. 9, n. 2, p. 133-253, 2021.

JULIANI, Talita Janine. **Vestígios de Ovídio em *Sobre as mulheres famosas (1361-1362)* de Giovanni Boccaccio**. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

KIRKHAM, Victoria. The parallel lives of Dante and Virgil. **Dante Studies**, vol. 110, p. 233-253, 1992.

MENETTI, Elisabetta. Boccaccio e a fantasia. **Revista de Italianística**, vol. 29, p. 109-133, 2015.

NIERMEYER, Jan Frederik. **Mediae Latinitatis lexicon minus**: lexique latin médiéval-français. Leiden: E. J. Brill, 1976.

PETRARCA, Francesco. **Le senili**, ed. Guido Martellotti, trans. Giuseppe Fracassetti. Turim: Einaudi, 1976.

TANTURLI, Giuliano; ZAMPONI, Stefano. Biografia e cronologia delle opere. In: DE ROBERTIS, Teresa *et al.* (ed.). **Boccaccio autore e copista**. Firenze: Mandragora, 2013. p. 61-66.

WILSON-OKAMURA, David Scott. **Virgil in the Renaissance**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

WITT, Ronald. **In the footsteps of the ancients**: the origins of humanism from Lovato to Bruni. Leiden: Brill, 2000.

ZAK, Gur. **Petrarch's humanism and the care of the self**. Cambridge; Nova Iorque: Cambridge University Press, 2010.

ZIOLKOWSKI, Jan; PUTNAM, Michael. **The Virgilian tradition**: the first fifteen hundred years. New Haven: Yale University Press, 2008.

Data de envio: 11/07/2022  
Data de aprovação: 17/10/2022  
Data de publicação: 31/10/2022